

Aglomeraciones Económicas no Turismo: um estudo sobre clusters e arranjos produtivos locais

Tourism Economic Agglomerations: a study about clusters and local productive arrangements

Agglomeraciones Económicas del Turismo: um estudio sobre clusters y arreglos productivos locales

Valéria Silva dos Santos¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
valldossantos@gmail.com

Natália de Souza Aldrigue²

Universidade Federal de Pelotas - UFPeL
nataldrigue@gmail.com

Recebido: 10/04/2022 | Aceito: 04/06/2022

Resumo: o presente artigo busca, através de pesquisa bibliográfica, analisar as diferentes formas de organização de aglomerações econômicas e como elas são compreendidas no turismo. Temos como aglomerações econômicas todos os tipos de concentrações geográficas de conjuntos produtivos que buscam planejar, organizar e promover o território em prol do desenvolvimento regional. Neste estudo, a ênfase está diante dos conceitos de cluster, arranjos produtivos locais e clusters turísticos. A necessidade deste estudo se dá pela busca de aprofundamento nos conceitos aqui propostos para um melhor entendimento na aplicação na área do turismo.

Palavras-chave: Turismo. Clusters. Arranjos Produtivos Locais.

Abstract: this article search through bibliographic research, to analyze the diferente forms of organization of economic agglomerations and how They are understood in tourism. We have as economic agglomerations all types of geographic concentratios of productive groups that search to plan, organize and promote the territory in favor of regional development. In this study, the emphasis is on the concepts of cluster, local productive arrangements and tourism clusters. This study is importante to try discovered the concepts proposed here for a better understanding of the application in the area of tourism.

Keywords: Tourism. Cluster. Local productive arrangements.

Resumen: este artículo busca, a través de la investigación bibliográfica, analizar las diferentes formas de organizacióm de las aglomeraciones económicas y como se entienden en el turismo. Tenemos como aglomeraciones económicas todo tipo de concentraciones geográficas de grupos productivos que buscan planificar, organizar y promover el território a favor del desarrollo regional. Em este estudio, el énfasis está em los conceptos de clúster, arreglos productivos locales y clústeres turísticos. La necesidad de este estudio se debe a la búsqueda de una comprensión más profunda de los conceptos aqui propuestos para uma mejor comprensión de la aplicación em el área del turismo.

Palabras clave: El turismo. Clúster. Arreglos Productivos Locales.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do grupo de pesquisa CulTuS – Núcleo de Pesquisa em Cultura, Turismo e Sociedade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Professora Doutora da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) no curso de Bacharelado em Turismo. Integrante do Grupo de Pesquisa Turismo e Lazer certificado pelo CNPQ.

Introdução

Aglomerações econômicas, através do conceito trazido por Silva (2012), podem ser entendidas como sendo todos os tipos de concentrações geográficas de conjuntos produtivos, quer sejam empresas, indústrias, cadeias produtivas, setores ou atividades econômicas, negócios, centros de inovações tecnológicas, etc. As mesmas podem ser aplicadas em determinados territórios, estando vinculadas à uma configuração de modelo econômico e desenvolvimento regional. Nos anos de 1990, um dos conceitos mais difundidos para as aglomerações econômicas foi o de Michael Porter (1998), que através da teoria da competitividade das nações e territoriais, elabora e conceitua o conceito de *cluster*, como “um grupo próximo geograficamente de empresas interconectadas e instituições associadas em um campo particular, ligadas por aspectos em comum e complementares” (PORTER, 1998, pg. 20).

No decorrer dos últimos anos, outros formatos de entendimento diante das aglomerações foram surgindo, dentre eles o de Arranjo Produtivo Local que tomou mais espaço nos estudos sobre esse tema. Na visão de Silva (2012) Arranjos Produtivos Locais dão ênfase nas micro, pequenas e médias empresas, tendo uma atuação geograficamente mais localizada. Atuando, diretamente na concretude da proposição de intervenção no espaço local e na efetiva concepção e utilização da abordagem como um modelo de desenvolvimento regional de base endógena.

No turismo, a compreensão destes conceitos se faz presente, pois a atividade é excessivamente ampla e heterogênea, não podendo ser tratada como um todo indiferenciado conforme aponta Silva (2012). Desta forma, podemos entender que a atividade turística por si só, necessita de um aglomerado econômico para que a mesma ocorra, através de variados serviços, como atrativos, hotéis, restaurantes, lojas, etc. O planejamento, organização e promoção destas aglomerações podem ser feitos através de *clusters*, arranjos produtivos locais, *clusters* turísticos ou outros.

Aglomerações Econômicas no Turismo

Nos últimos anos, tem se acentuado os estudos sobre as aglomerações econômicas e sobre a questão do local como fonte de vantagens competitivas (SILVA, 2012). A discussão decorre sobre a importância de uma organização das empresas de determinado território para que a mesma tenha força de competitividade, cooperação e crescimento econômico e social

perante outras empresas. Um dos autores que aborda muito sobre o tema é Micheal Porter, que de acordo com Silva (2012) foi quem difundiu nos anos de 1990 o conceito de *cluster* no meio acadêmico, vinculado à noção de competitividade das nações como derivada da competitividade das empresas instaladas no território nacional, localizadas em concentrações geográficas dentro desse território, e compartilhando, em grupos, as externalidades positivas decorrentes de economias de aglomerações (SILVA, 2012, p. 463).

Silva (2012) relata que nesse mesmo período, além de Michael Porter, outros autores como Cassiolato e Szapiro (2003 *apud* SILVA, 2012, p. 466) falam sobre o assunto, fazendo com que o conceito de aglomeração se tornasse mais articulado, particularmente com a vinculação da ideia de redes, no contexto de cadeias de fornecimento e ao redor de empresas âncoras. Porter (1998) neste período afirma que as empresas quando organizadas em *cluster* possuem a chance de atingir a competitividade através de 3 ações, sendo elas: aumentando a produtividade das empresas sediadas na área; impulsionando a direção e o ritmo da inovação, que sustentam o crescimento futuro da produtividade; e estimulando a formação de novos negócios, o que amplia e fortalece o próprio *cluster*.

O autor ainda retrata, em sua teoria sobre competitividade, a importância dos *clusters* para as empresas, colocando que “*what happens inside companies is important, but clusters reveal that the immediate business environment outside companies plays a vital role as well*” (PORTER, 1998, p. 77)., destacando que a configuração de um *cluster* pode potencializar seu desempenho. Para o autor pode-se definir *cluster* como sendo:

Clusters are a geographic concentrations of interconnected companies and institutions in a particular field. Clusters encompass an array of linked industries and other entities important to competition. They include, for example, supplies of specialized infrastructure. Clusters also often extend downstream to channels and customers and laterally to manufacturers of complementary products and to companies in industries related by skills, technologies, or common inputs. Finally, many clusters include governmental and other institutions (PORTER, 1998, p. 78).

Silva (2012) vai ao encontro com a definição acima de Porter, destacando a necessidade de uma participação conjunta de várias entidades em um sistema de *cluster*, não somente empresas. Cassiolato e Lastres (2002 *apud* SILVA 2012, p. 465) falam em 4 linhas de pesquisa sobre economia, sendo elas: economia neoclássica tradicional; economia e gestão de empresas; economia e ciência regional; e economia neoschumpeteriana que aborda sobre sistemas de inovação. Todas essas linhas possuem a ênfase convergente do local, e nesta última, a economia neoschumpeteriana, o autor destaca a importância de um aglomerado

possuir muito além de empresas, sendo importante trazer as instituições para participação, uma vez que nesse novo sistema a inovação pode ser algo há contribuir, visando o aprendizado por interação em sistemas que envolvem as empresas, as instituições de ensino e pesquisa e as próprias regiões. Podemos assim completar, que para Porter (1998), *clusters* estão presentes em várias economias, em vários níveis de percepção, sejam nacionais, regionais, estaduais, etc., e que as vantagens dessas economias estão cada vez mais no desenvolvimento do local através de conhecimento, relações e motivação. Onde o autor relata:

A striking feature of virtually every national, regional, state, and even metropolitan economy, especially in more economically advanced nations...clusters are not unique, however, they are highly typical - and therein lies a paradox: the enduring competitive advantages in a global economy lie increasingly in local things - knowledge, relationships, motivation - that distant rivals cannot match (PORTER, 1998, p. 19).

Os *clusters* desempenham um papel mais complexo e integral na economia moderna do que anteriormente. No turismo, segundo Beni (2012), esse formato de organização já vem sendo realizado pelos países em desenvolvimento e nas economias avançadas, embora o autor relate que a ausência de profundidade desse modelo nas economias emergentes seja um típico obstáculo ao desenvolvimento. Os *clusters* podem consistir em uma importante e destacada forma multiorganizacional, uma influência central sobre a competição e uma característica preeminente das economias de mercado (BENI, 2012). Dentro desse fato abordado, Silva (2012) também relata que segundo Cassiolato e Szapiro (2003 *apud* SILVA, 2012, p. 467) a única maneira de as aglomerações localizadas em países menos desenvolvidos se transformarem em arranjos e sistemas produtivos locais (*clusters*) é via exportação e integração em cadeias globais.

Já para Souza (2003), *cluster* pode significar um grupo de coisas ou atividades semelhantes, que se desenvolvem conjuntamente, não necessariamente um grupo de grandes empresas, que buscam a exportação. O autor ainda aborda que esse termo vai além da economia, onde podemos falar de *clusters* na medicina, na informática, no turismo, etc. Porém, em todas, o termo é sinônimo de agregação, junção ou integração (SOUZA, 2003). Porter (1998) também já relacionava que um *cluster* pode originar outros de áreas distintas do principal, mas que estão correlacionadas. O autor traz o exemplo do *cluster* de produção de vinhos na Califórnia, que impulsiona outras pequenas áreas ligadas, como podemos observar quando o autor fala: “*the cluster also enjoys weaker linkages to other California clusters in agriculture, food and restaurants, and wine- country tourism*” (PORTER, 1998, p. 20).

De acordo com Silva (2012) é possível chegar à conclusão de que não há uma definição concreta acerca da teoria de *clusters*. Cada definição traz características pontuais que divergem de cada país onde há aplicação deste conceito. Além das teorias de *cluster*, aqui explicitadas podem, ainda, ser contrapostos outros conceitos que fazem parte do cenário da chamada economia das aglomerações. Neste sentido, o autor Pecqueur (2009) aborda o conceito de *cluster* em sua literatura, porém propõe outras formas de aglomeração, que por sua vez, é mais aplicável a situação do local que encontramos em países emergentes. Para Pecqueur (2009) a definição de *cluster* não está clara, mas está mais relacionada a um modo de organização da indústria para se destacar em relação a outros setores ou localidades. Uma das definições de *cluster* trazidas pelo autor é a de Porter (2000 *apud* PECQUEUER, 2009, p. 87):

O *cluster* é um grupo próximo geograficamente de empresas interconectadas e instituições associadas em um campo particular, ligadas por aspectos em comum e complementares. O escopo geográfico de um *cluster* pode atingir de uma cidade a um país até países vizinhos (PORTER, 2000 *apud* PECQUEUER, 2009, p. 87).

Neste sentido, Pecqueur (2009), irá abordar conceitos que julga serem mais adequados, por não se tratar de grandes indústrias, e, sim, de pequenas e médias empresas. O autor traz a definição de Sistema Produtivo Localizado - SPL, que nos permite generalizar as situações marcadas por dois tipos de coordenação de atores: o mercado e a reciprocidade, que são dois sistemas de trocas imbricadas um ao outro. Ainda nesse mesmo contexto surge a SIAL - Sistema Agroalimentares Localizados, que para o autor vai além da indústria tradicional ou aquela inovação. O SIAL pode ser definido como organizações de produtos e de serviços, associadas por suas características e território específico, chegando a tomar um rumo mais complexo, englobando serviços turísticos quando o território produz o mesmo. Cria-se assim uma oferta composta particular, associada ao lugar, chegando ao modelo de cesta de serviços.

Pecqueur (2009), ainda acrescenta a importância da cesta de serviços, que é “uma combinação complexa de diversos elementos que revelam a existência de ecossistemas societários, nos quais se coordenam inicialmente elementos de proximidade geográfica, e em seguida, de proximidade organizacional” (PECQUEUER, 2009, pg.87). Diante de tamanha relevância essas características podem transformar um território em um produto a ser vendido, onde não só os produtos e serviços se vendem separados, mas sim um conjunto com determinada relevância diante de um público, se tornando uma oferta composta

(PECQUEUER, 2009, pg.87). Essa dinâmica de territorialização para Pecqueuer (2009) representa a qualidade territorial, que é quando os produtos e serviços através das empresas, comunidade, poder público e clientes simbolizam um ganho representativo através da soma dos produtos locais e constitui em um efeito de renda e ganho para todos.

Nesta mesma linha Silva (2012) traz para a discussão a abordagem de arranjos e sistemas produtivos locais e inovadores - ASPLs, que apesar de possuir uma definição análoga a de *cluster*, pode-se empregar melhor as atuais condições econômicas dos países subdesenvolvidos. O autor aborda que os arranjos e sistemas produtivos locais consistem no maior rigor quanto ao âmbito territorial, à proximidade geográfica, na ênfase nas micro, pequenas e médias empresas, na concretude da proposição de intervenção no espaço local e na efetiva concepção e utilização da abordagem como um modelo de desenvolvimento regional de base endógena. Silva (2012) ainda traz outros dois autores com uma definição próxima de ASPLs, onde de acordo com Albagli e Britto (2003 *apud* SILVA, 2012) podemos entender como arranjos produtivos:

Aqueles arranjos produtivos cuja interdependência, articulação e vínculos consistentes resultam em interação, cooperação e aprendizagem, possibilitando inovações de produtos, processos e formatos organizacionais e gerando maior competitividade empresarial e capacitação social (ALBAGLI e BRITTO, 2003 *apud* SILVA 2012, p.467).

Já Tomazzoni (2012) também fala do tema arranjos produtivos locais, onde para o autor há três características principais desse conceito, que são: a aglomeração, afinidade e articulação. O autor ainda relata que para haver um *cluster* é necessária uma configuração de APL. Já Beni (2012) relata que os aglomerados assumem diversas formas, dependendo do seu escopo e localização geográfica, a maioria deles incluem basicamente empresas de produtos ou serviços finais, fornecedores especializados, equipamentos e outras funções, instituições financeiras e outros.

Ainda para Tomazzoni (2012, p. 92) a APL se orienta por alguns critérios, onde podemos citar: “relevância econômica da atividade no contexto regional; capacidade de endogeneização e difusão do progresso técnico; possibilidades de exportação; e capacidade de absorção de mão de obra.” A territorialidade para Tomazzoni (2012) é um dos conceitos primordiais nas APLs, porém os valores não se limitam somente a um mapa geográfico, pois o território econômico é muito mais abrangente. Em uma APL busca-se sempre respeitar os valores culturais, preservar as identidades, mas, mesmo assim, estar atento à dinâmica da globalização. Essa integração da cadeia produtiva através de uma APL, para Barbosa (2012),

composta por setores e subsetores, vai possibilitar a elaboração de um produto final em função da interação de processos e decisões consensuais. Este aglomerado que organiza a sua cadeia produtiva agrega valor. O autor destaca que quando gerido pelos próprios atores, constituída uma governança local, ele se transforma em um sistema produtivo.

Os APLs, ou *cluster*, segundo Barbosa (2012) muitas vezes se constituem sozinhas, porém o autor ressalta a importância do poder público no processo de organização no início, na etapa de organização das empresas, seja de produtos ou serviços. O papel do poder público no início é de promover educação para a população envolvida, desenvolver tecnologias, promover o acesso aos mercados de capital, aperfeiçoar as instituições, etc. Mas o autor também relata que esse processo não pode ser todo realizado pelo poder público, sendo necessário uma governança privada, que traga um envolvimento ao aglomerado, denominado como o ator canalizador, este terá o papel de facilitar a instalação dos relacionamentos colaborativos e das ações coletivas.

Nas atividades de turismo, uma das expressões mais empregadas e uma das propostas mais defendidas, de acordo com Beni (2004), têm sido a de clusterização, que consiste na formação e fortalecimento dos *clusters*, os quais:

[...] devem abranger todas as empresas, setores e instituições com fortes elos verticais, horizontais ou institucionais. Elo fraco ou inexistente não é parte integrante do *cluster*. *Cluster* é, portanto, esforço, mobilização, comunicação, engajamento, interação, sinergia no arranjo produtivo para a consolidação do desenvolvimento sustentável (BENI, 2004, p.23).

Para Porter (1998) um típico *cluster* turístico consiste na qualidade da experiência do visitante, que depende não só da principal atração, mas também da qualidade e eficiência dos serviços complementares, como hotéis, restaurantes, lojas, transporte, etc. O autor ainda ressalta que quando os membros do *cluster* são mutuamente dependentes a boa performance de um dos membros pode oportunizar sucesso há todos os demais (PORTER, 1998, p. 78).

Em uma linha mais voltada ao planejamento do turismo, Beni (2004) aborda a necessidade de um processo integrado ou novo planejamento, onde a ênfase recai na observação de possíveis consequências de políticas ambientais, sociais e econômicas alternativas, para posterior avaliação e comparação com os objetivos, escolher as medidas preferidas e os processos adequados. Diante desta oportunidade de organização das empresas prestadoras de serviço, para um melhor planejamento da atividade, poder de tomada de decisão, divulgação e destaque turístico em relação ao mercado, o autor Beni (2012) define o que considera *cluster* turístico:

Um conjunto de atrativos com destacado diferencial turístico, concentrado em um espaço geográfico contínuo ou descontínuo dotado de equipamento, instalações e serviços de qualidade, eficiência coletiva, coesão social e política, articulação da cadeia produtiva e cultura associativa com excelência gerencial em redes de empresas que possam gerar vantagens estratégicas comparativas e competitivas (BENI, 2012, p. 522).

Para Beni (2012) esse formato de organização em *clusters* é a forma de maior sucesso, na atualidade, de articulação (integração e interação) de um modelo de gestão de uma destinação turística, destacando suas modalidades de promoção, comercialização, desenvolvimento e cooperação entre os agentes econômicos, culturais, políticos e sociais de um local ou região. Através da aplicação da metodologia dos *clusters* é possível identificar os agrupamentos de interesse comum, realizar uma elaboração diagnóstica de suas atividades e interações, preparação e implementação de um plano estratégico de ação para o seu desenvolvimento holístico e sistêmico. Beni (2012) visualiza um *cluster* turístico como um conjunto de ações realizadas pelos autores, como podemos ver abaixo:

Um conjunto permanente de ações dinâmicas e reiterantes de esforço comunitário; mobilização social; empreendedorismo nos investimentos econômicos; eficiente comunicação interorganizacional; engajamento dos atores sociais e agentes institucionais; e interação de todos os segmentos da oferta para a necessária e imprescindível sinergia no arranjo produtivo para a consolidação de seu desenvolvimento sustentável (BENI, 2012, p 521).

Barbosa (2012) traz que a definição de *cluster*, assim como já abordado no início desse estudo, tem suas referências teóricas originadas da indústria, e o autor faz a comparação dos manufatureiros, onde o processo produtivo não é contínuo e o produto final é composto por várias partes, assim como na atividade turística, onde não há somente um produto ou serviço, há uma rede de empresas que juntas oferecem um destino turístico. Podemos destacar algumas como: hotéis, restaurantes, atrativos turísticos, museus, lojas de artesanato e produtos locais, etc.

Beni (2012) discute o grande aumento do mercado de turismo, com oferta de voos, leitos, atrativos e serviços receptivos em quantidade e qualidade, que satisfazem a necessidade e desejos do consumidor que está cada vez mais informatizado e esclarecido pelos efeitos da globalização. O autor aponta que se deve, nesse processo, preservar a cultura local, porém se manter atualizado em relação à realidade mundial em resposta ao mercado. Para ele aquele destino que não se profissionalizar e reciclar em tempo enfrentarão barreiras para competir com outros grandes mercados, logo o autor destaca a importância dos planejadores e gestores

públicos que devem cada vez mais levar a sério o processo de desenvolvimento e organização dos aglomerados, conhecendo e valorizando a sua cadeia produtiva (BENI, 2012).

Todo o planejamento realizado junto aos aglomerados e os atores locais podem resultar na redução de custos operacionais e de transações entre empresas, diminuindo os riscos, aproveitando e potencializando as sinergias para a produção, comercialização e distribuição dos produtos e serviços. Todo esse processo pode resultar em informações técnicas, produtivas e mercadológicas que podem ser compartilhadas, disseminando assim inovações de mercado (BENI, 2012). Ainda segundo o autor (2012), para que um *cluster* de turismo se consolide, sendo sustentável e competitivo, deve ser rigorosamente observado em seu processo de planejamento e desenvolvimento, local e regional, um altíssimo grau de endogenização, a ser atingido e sustentado pela internalização da maior parte da oferta. O autor enfatiza que o envolvimento de todos os setores, sejam eles ambientais, sociais, econômicos e culturais devem ser necessários para a dinamização e para o fortalecimento das cadeias de valor relacionadas à rede cooperativa de produção.

No decorrer da escrita de Beni, é possível identificar que há uma relação muito próxima em seu entendimento sobre as definições de *clusters* e arranjos produtivos, dando a entender que um arranjo produtivo pode se dar dentro de um *cluster*, como é possível observar quando ele retrata os arranjos produtivos para o lado de promoção das localidades. Beni (2012) ainda fala que um arranjo produtivo no sistema de turismo resulta de um marketing competitivo que deve promover com eficácia a integração dos *clusters* e *microclusters*, dos mercados e segmentos de uma combinação de forças competitivas que afetam, e das oportunidades competitivas de mercados em cada *cluster*. Silva (2012) também traz o conceito de *microclusters*, que para ele é similar aos arranjos produtivos locais. Para o autor esses dois conceitos cabem mais para a atividade turística, visto que ela exige uma concentração maior geograficamente. De acordo com o autor “quando se trata agrupamentos de empresas...cujo núcleo seja a atividade econômica do turismo, a proximidade geográfica é um componente relevante e indispensável da abordagem conceitual a ser adotada, com o aspecto de territorialidade sendo a base de sustentação” (SILVA, 2012, p. 481).

Apesar de haver estudos e materiais acadêmicos falando sobre clusterização do turismo, o que mais vemos os órgãos competentes utilizando é o conceito de APL, onde o Ministério do Turismo em conjunto com outros Ministérios retratam os Arranjos Produtivos Locais, como o termo mais adequado para aglomeração no Brasil. Para o Ministério do Turismo, APL é um conjunto de fatores econômicos, políticos e sociais, localizados em um

mesmo território, desenvolvendo atividades econômicas correlatas e que apresentam vínculos de produção, interação, cooperação e aprendizagem.

Silva (2012) conclui que todos os tipos de concentrações geográficas, sendo elas de empresas, indústrias, cadeias produtivas, atividades econômicas podem ser vistas como agrupamentos, e, assim serem considerados um *cluster*. Para o autor em uma definição simples de *cluster* podemos entender a noção de reunião ou grupo de elementos de qualquer natureza, que pode ser utilizado para se referir a todos os tipos de conjuntos produtivos, qualquer que seja o foco ou dimensão. Sendo que para Silva (2012) a atividade turística pode fazer parte de um *cluster* ou conter um ou mais *clusters*, sendo que o fato principal desse *cluster* turístico é a endogenização e a localização geográfica, que para o autor deve se dar em um âmbito geográfico delimitado, uma vez que a atividade turística por suas características exige.

Considerações finais

O presente estudo buscou, através de análise bibliográfica, trazer diferentes conceitos existentes sobre aglomerados econômicos. Vemos, então, que o conceito de *cluster* iniciado por Porter (1998) e que tratava inicialmente de aglomerados industriais tem sua abordagem mais ampla. É possível identificar tal apontamento em trechos trazidos pelo autor quando fala sobre aglomerados turísticos ou de alimentos.

Podemos entender que um *cluster* tem como objetivo planejar e organizar as empresas que podem apresentar características próximas, ou até mesmo serem fornecedoras ou agregadoras de serviços de determinado território. Com esse processo, busca-se criar força de mercado e competitividade diante do cenário econômico. Um *cluster* tem como um de seus processos o de analisar o desempenho dessas empresas e após essa etapa elaborar formas de promoção para elas frequentemente.

Por muitos autores, assim como Porter (1998), conceituarem o modelo de *clusters* como organizações amplas, com grande abrangência de territórios locais, regionais, estaduais e até internacionais, outros conceitos surgiram, como o de Arranjos Produtivos Locais, a fim de dar significado aos aglomerados territoriais mais próximos geograficamente, que lidam com pequenas e médias empresas. Apesar de apresentarem basicamente as mesmas características e objetivos, podemos concluir que os APLs possuem o foco mais delimitado geograficamente do que os *clusters*.

No turismo podemos observar que ambos os termos podem ser utilizados, segundo autores como Beni (2012), um *cluster* pode ser composto por arranjos produtivos locais, que seriam aglomerações menores que juntas se tornam uma maior. Já para Silva (2012) a atividade turística exige a proximidade geográfica dos serviços turísticos, concordando que arranjos produtivos locais ou até *microclusters* seriam o mais indicado para utilização da área.

Contudo, essa forma de organização da atividade turística, através de *clusters* ou Arranjos Produtivos Locais, constituem um fator fundamental para o fortalecimento das cadeias produtivas da área e dos agentes que participam do processo, podendo preservar pela inovação, sustentabilidade e qualidade dos serviços quando bem estruturados.

Como abordado por alguns autores essas aglomerações necessitam de interação entre diversos segmentos, a formação de uma rede para organização e promoção dos espaços turísticos se torna necessária, com uma relação entre comunidade, empresas, setor público, instituições de ensino, organizações, e outras, gerando assim parcerias e políticas públicas para determinada região.

Referências

BARBOSA, Andyara Lima. **Relações organizacionais para o desenvolvimento regional do turismo**. In BENI, Mario Carlos (org.). TURISMO: Planejamento estratégico e capacidade de gestão. Barueri, SP. Manole, 2012. pg 87

BENI, Carlos Mario. **Um outro turismo é possível?** - a recriação de uma nova ética. In GASTAL, Susana. MOESCH, Marutschka Martini (Orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004. 156p.

_____. **Clusters de Turismo**. In BENI, Mario Carlos (org.). TURISMO: Planejamento estratégico e capacidade de gestão. Barueri, SP. Manole, 2012. pg 517.

MENDONÇA, Maria Cristina Angélico. **Gestão de potenciais clusters turísticos: uma proposta de metodologia de diagnóstico**. In BENI, Mario Carlos (org.). TURISMO: Planejamento estratégico e capacidade de gestão. Barueri, SP. Manole, 2012. pg 87.

MTUR - Ministérios do Turismo. Dados e Fatos. **APL - Arranjo Produtivo Local**. Disponível: <https://dados.gov.br/dataset/arranjos-produtivos-locais>. Acesso dia 22 de junho de 2021 às 19:07;

PECQUEUR, Bernard. **A guinada territorial da economia global**. In Política & Sociedade, n. 14, 2009, pg.79-105. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2009v8n14p79/10955>

PORTER, Michael. **Clusters and the New Economics of Competition**. Harvard Business Review, v. 76, n. 6, p. 77–90, nov./dez. 1998. Disponível em: <https://hbr.org/1998/11/clusters-and-the-new-economics-of-competition> Acesso 28 de agosto, 14:24.

SILVA, Jorge Antonio Santos. **O conceito de cluster e o desenvolvimento turístico regional: um caminho para os países menos desenvolvidos**. In BENI, Mario Carlos (org.). TURISMO: Planejamento estratégico e capacidade de gestão. Barueri, SP. Manole, 2012. pg 87.

SOUZA, Caroline. CLUSTER INDUSTRIAIS: **Vantagem Competitiva e desenvolvimento regional**. UFRGS, 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000376259&loc=2004&l=d79b475377f99c80> . Acesso em 26 de junho, as 18:26.

TOMAZZONI, Edegar Luis. **Observatório de Turismo e Cultura, integração regional do cluster de turismo e desenvolvimento socioeconômico da Serra Gaúcha**. In BENI, Mario Carlos (org.). TURISMO: Planejamento estratégico e capacidade de gestão. Barueri, SP. Manole, 2012. pg 87;